

APRESENTAÇÃO

PRESENTATION



História da Literatura

Literary History

A história da literatura tornou-se, nas últimas décadas, um campo de estudo renovador na área da literatura. De um discurso monolítico e linear sobre o passado literário, a história da literatura atualmente é entendida como um discurso múltiplo, que não se escreve sob o signo da totalidade, mas assume uma feição plural e transitória. A ilusão da reconstrução do passado é, assim, cancelada e o tempo, fator imprescindível para sua escrita, pode estar submetido a interesses, conjunturas ou outras situações que o transformam em construção. O desafio que provoca essa história é constante, e os modos de leitura e interpretação de sua escrita mantêm-se em evolução permanente, integrando diferentes discursos sociais e exigindo do historiador uma postura consoante com o tempo e o lugar de onde fala. História da literatura é, portanto, discurso que se escreve no plural, dando origem a uma ampla produção de histórias calcadas em perspectivas comparatistas, sejam elas de ordem ética, estética, política. Orientado por essa concepção, este número de *Letras de Hoje* centra-se na temática da história da literatura, procurando expandir, através das diferentes contribuições ensaísticas, o viés comparatista, mas também abre espaço para abordagens inovadoras no vasto campo historiográfico e cultural.

O texto de Elias Torres Feijó analisa a literatura comparativamente com outras dimensões da produção cultural, relacionando-a com as práticas vigentes em um determinado espaço geocultural específico. *Cem anos de solidão*, de Garcia Marquez e *O diário de um mago*, de Paulo Coelho, são tomados como referências pela criação de dois espaços Arataca/Macondo e Santiago de Compostela/ Caminho de Santiago e sua presença na produção cultural de Santiago de Compostela. Carolina Pizarro Cortés apresenta o melodrama ou a imaginação melodramática no contexto sul-americano, como forma estruturante de um grupo de representações artísticas

que recupera um determinado passado histórico. O ensaio de Ivete Walty recai sobre a produção literária brasileira, discutindo valor e cânone em três antologias contemporâneas, para entendê-las na contramão de um cânone exclusivamente estético. Ana Pizarro e Carolina Benavente tomam como referência dois continentes – América e África – cuja história comum de relação colonial os aproxima por vínculos turísticos, midiáticos e artísticos, reforçados sobretudo na contemporaneidade. Em outro espaço cultural, agora europeu, Anna Caballé analisa a relação entre o gênero autobiográfico e o cânone literário. Segundo essa estudiosa, cujo currículo sobre o tema da autobiografia é extenso e de inegável qualidade, a autobiografia, na história da literatura espanhola, ocupou um lugar secundário, apesar de sua expressiva tradição nas letras de Espanha, conseguindo criar seus próprios códigos de leitura e impor-se, talvez, como uma forma de refúgio do indivíduo ante a banalização.

Outro conjunto de ensaios sinaliza que a história da literatura volta-se para temas como literatura de testemunho e de exílio, recaindo em abordagens sobre identidade e dependência, em autores específicos ou em manifestações artísticas particulares. Nesse caso, Débora Cota analisa o periódico *Argumento*, que circulou no Brasil entre outubro de 1973 a fevereiro de 1974, sob o império da repressão, manifestando um discurso de resistência e de consciência da realidade latino-americana, subjugada pelo autoritarismo dos governos militares. Marcia Romero Marçal propõe um lugar para a literatura de testemunho na historiografia, considerando as novas formas de representação da realidade e das vivências dos escritores, a partir da análise da obra *La escritura o la vida*, de Jorge Semprún. O artigo de Fani Miranda Tabak enfoca os prefácios dos romances oitocentistas de autoria feminina, no Brasil, atualizando o conceito de paratextualidade como provocação ao discurso

periférico dessas mulheres. No âmbito recepcional, André Cechnel investiga o poema “The waste land”, de T. S. Eliot. Analisando esse poema e recuando (ou recusando) o viés interpretativo, suspeita de uma certa presença dissimulada que permite explorar a ideia de que o leitor, ao ler, não vê a substância real do poema. Isso provoca o desestabilizamento das hierarquias dos gêneros e das referências num espaço plural como é a poesia. Encerra essa secção o estudo de Roberto Acízelo de Souza, que discute a necessidade de consideração do método para a atividade científica e para os estudos literários, considerando-o indispensável na prática científica.

Compõem ainda este número de *Letras de Hoje* duas reflexões: a primeira sobre a construção do romance *Paisagem com mulher e mar ao fundo*, da escritora portuguesa Teolinda Gersão, de autoria de José Ornelas, que remete ao período do regime de Oliveira Salazar e a forma como ele sustenta a retórica imperialista em Portugal, nesse período; a segunda, de Gisele Pereira de Oliveira, aborda Cecília Meireles, vislumbrando na obra autobiográfica da poetisa, especialmente em *Olhinhos de*

gato, o momento iniciático em que o gênero autobiografia se manifesta na sua escrita.

Para além da atualidade do tema proposto para este número de *Letras de Hoje*, há outro ponto importante a ressaltar. Resulta este volume da parceria que há algum tempo se concretizou entre a Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e a Universidade de Santiago do Chile, ratificada pelo estabelecimento de convênio entre as duas instituições, assinado em 2013. Por isso, cabe um agradecimento especial à Professora Ana Pizarro, da Universidade de Santiago do Chile, cuja sempre pronta colaboração e estímulo constante propiciaram as condições para os bons resultados dessa parceria, materializada na organização desta *Letras de Hoje*. Esse agradecimento estende-se também aos autores presentes neste número, com suas análises, colaboram para a expansão das reflexões sobre o tema proposto.

Maria Eunice Moreira
e Ana Pizarro
Organizadoras